



A humanidade de Albert Schweitzer e nosso papel social

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

O que entendemos como papel social? O cumprimento de nossas funções estaria restrito a nós mesmos, à nossa família, ao exercício profissional? A integração do sujeito imerso no laço social ao facultar seu desenvolvimento, necessariamente englobaria ações humanitárias que levem à estruturação de uma ética subjetiva?

Albert Schweitzer, nascido na Alemanha, em 1875, pertencia a uma família tradicional. Tendo se tornado teólogo, filósofo, um extraordinário músico e mais tarde, médico, decide, em 1913 embarcar para a África para se tornar um missionário. Em "Entre a água e a selva: narrativas e reflexões de um médico nas selvas da África Equatorial" narra os detalhes dessa conturbada empreitada. Além da assistência a doenças mais básicas de pessoas carecentes de tudo, também humaniza a relação com pacientes psiquiátricos, que eram tratados como animais.

Em 1917 conclui "Filosofia da civilização", obra extraordinária que repensa o sentido da vida sob o ponto de vista do desejo de viver pelas experiências que facultam autoconhecimento e desenvolvimento de potenciais para a felicidade (conforme a ética subjetiva).

Albert Schweitzer não se considerava um missionário; achava que estava cumprindo apenas um dever, por ter condição de auxiliar.



Em 1952, recebe o Nobel da Paz, pelo seu trabalho inestimável à humanidade. Ele fez do socorro médico aos infelizes africanos, o recurso que resgatou sua dignidade e pôde dar condições em prol da felicidade pessoal e coletiva. Mais do que aspectos de fé religiosa, a humanização que protagonizou é sobretudo o desenvolvimento de ideais na benemerência, no cuidado com o outro, na ciência, o que facilmente podemos estender às abordagens psicanalíticas, ao nosso alcance.

Albert Schweitzer é símbolo de como nossa vida pode também ser transformadora para outras vidas, com pequenas ações que podemos chamar de atos humanitários. Você já fez algo humanitário hoje?